

**GRAU DE ENDIVIDAMENTO PESSOA FÍSICA E A NÃO PROCURA DE UM
PROFISSIONAL**

DEGREE OF INDEBTEDNESS INDIVIDUALS AND NOT LOOKING FOR A
PROFESSIONAL

Regina Alves Garcez Bueno *

Graduando em Ciências Contábeis pela Uni Evangélica - GO.

Milton Neemias Martins Silva

Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso –GO

1Regina Alves Garcez Bueno- Bacharelado no curso de Ciências Contábeis pelo Centro Universitário de Anápolis (Uni Evangélica) –Brasil - E-mail: regininha_alves_18@hotmail.com

2 Milton Neemias Martins Silva – Professor do curso de Ciências Contábeis do Centro Universitário de Anápolis (Uni Evangélica) – Brasil - E-mail: milton@unievangelica.edu.br

Resumo

O intento deste trabalho é estudar as principais causas do endividamento por consequência do alto limite de crédito, associado a uma ausência de educação financeira para finanças pessoais e demonstrar a eficácia da consultoria para a elaboração de um planejamento financeiro. Para as empresas um estudo que analise os indicativos de endividamento é uma boa ferramenta, a partir dessas informações, elas podem elaborar meios como (investir na educação financeira, financiando centros educativos, promovendo marketing na televisão, rádio, internet) com intuito de atingir o maior número de consumidores, com isso o consumidor terá maior poder de compra e sem estar endividado. O crédito somado com educação financeira, resultaria em um planejamento financeiro sustentável. Quando se tem conhecimento do assunto, e sabe como utilizar a ferramenta a eficácia do mecanismo é plausível. O endividamento acontece por de falta de informação, orientação nas escolas e isso é passado por gerações, visto que não se educou uma vez. A procura por meios de crescimento pessoal, mostra que em países desenvolvidos a educação financeira é passada por gerações e reforçada nas escolas. É necessário que o Brasil invista em um processo de educação financeira, a aplicação mesmo que dolorosa aos cofres públicos, um tempo depois o Governo não precisará ter esses gastos, visto que a educação passada terá repasses pelas próximas gerações. Com alto nível de endividamento em que os consumidores se encontram a consultoria financeira é a forma mais eficaz de resolver a situação econômica, a procura pelo profissional dará alívio a saúde física e mental, podendo ter-se uma educação financeira que passará por gerações dentro das famílias.

Palavras-chave: Créditos. Endividamento Pessoal. Educação Financeira.

Abstract

The intent of this paper is to study the main causes of debt as a consequence of credit limit, associated with a lack of financial education for personal finances and to demonstrate the efficiency of consulting for the elaboration of a financial plan. For companies, a study that analyzes the causes of debt is a good tool, from this, they can elaborate ways (such as, investing in financial education, financing educational centers, promoting marketing in television, radio and internet) with the intent of reaching the highest number of consumers, with that, the consumer will have more buying power without being in debt. The credit, adding with financial education, would result in a sustainable financial plan. When you are aware of the subject, and know how to use the tool, the efficiency of the mechanism is plausible. The debt happens for lack of information, and that's passed down for generations, in more developed countries, financial education is passed down for generations and it's taught in schools. It's necessary for Brazil to invest in a process of financial education, the application, even if painful, to the public safes, won't have to be for long, since the education would be passed down for the next generations. With a high number of debts that consumers find themselves, financial consulting is the most efficient way of resolving the economic situation, the search for a professional would relieve their physical and mental health.

Key words: Credits. Indebtedness Personal. Credits. Financial Education.

1. INTRODUÇÃO

Pretende-se nesse projeto de pesquisa abordar o Grau de endividamento pessoa física, com indivíduos que ganham até 10 (dez) salários mínimos.

A (PEIC) pesquisa o Endividamento e Inadimplência do Consumidor, orienta os empresários do comércio de bens, serviços e turismo que utilizam o crédito como ferramenta estratégica, uma vez que permite o acompanhamento do perfil de endividamento do consumidor, com informações sobre o nível de comprometimento da renda do consumidor com dívidas, contas e dívidas em atraso, e sua percepção em relação à capacidade de pagamento. A PEIC é apurada mensalmente pela (CNC) Confederação Nacional do Comércio de bens, serviço e turismo desde janeiro de 2010. Os dados são coletados em todas as capitais dos Estados e no Distrito Federal, com cerca de 18 mil consumidores.

Diante de tais circunstâncias este projeto tem como tema: **Qual o Grau de Endividamento Pessoa Física e a não procura de um Profissional?**

A problemática gira em torno dos seguintes questionamentos:

Este trabalho tem por objetivo geral analisar e levantar planilhas comparativas do ano de 2010 a 2016, demonstrando os principais indicativos que levam ao endividamento e a partir dos resultados, evidenciar possíveis sugestões.

Este trabalho justifica-se pela importância em despertar um autoconhecimento aos consumidores, quanto as Finanças Pessoais que é rica em informações, mas que passa despercebida pela falta de compreensão.

O referencial teórico está dividido em três subcapítulos onde o primeiro fala sobre o Crédito, o segundo conceitua Endividamento Pessoal, o terceiro contextualiza Educação Financeira.

A metodologia abordada neste trabalho foi à pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica descritiva.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Créditos

O grau de endividamento é formado por indicativos sendo o primeiro cartão, segundo cheque especial e terceiro cheque pré-datado, etc.

O desequilíbrio acontece por ultrapassar o valor real de seu ganho mensal, Ex: a pessoa que tem sua receita no valor de R\$ 9.370,00 que representa 10(dez) salários mínimos no ano de 2017, e tem sua despesa por volta de R\$8.000,00 apenas em cartão, que entra no cheque especial para pagar parte do cartão, e utiliza o cheque pré-datado para cobrir o cartão e ainda tem água, energia, aluguel ou prestação habitacional, alimentação, combustível, saúde, educação e outros.

Para Aglietta:

O crédito, por natureza, é uma relação submetida à informação assimétrica. Com o objeto da transação não é um valor real disponível e sim uma promessa, uma das contrapartes não conhece suficientemente bem as características da outra para tomar decisões adequadas. Essa assimetria se manifesta antes e depois da transação sob a forma de problemas da coordenação comercial. (AGLIETTA, 2004, p. 45).

O crédito é colocado como um "segundo salário" dentro do mesmo mês, basta o indivíduo notar que no mês seguinte sua renda não paga o valor das suas despesas fixas e do seu cartão.

Observa-se uma grande facilidade em ter um cartão, ao entrar na maioria das lojas por estratégia de vendas nos deparamos com um funcionário oferecendo cartão e dizendo "na compra de qualquer produto 20% de desconto com o uso do cartão na primeira compra e só preciso do CPF". O gasto feito de forma inadequada para manter um certo padrão de vida coloca o indivíduo propenso ao acúmulo de contas ao realizar a compra desenfreada de produtos supérfluos devido a facilidade de crédito que encontram, levando os consumidores a um grau de endividamento que podem não conseguir reverter.

Schickel afirma:

O fato é que as pessoas estão constantemente se vendo as voltas com o dilema da conjugação de seus recursos finitos, cuja fonte principal é o salário mensal na maior parte dos casos, com seu grau de imaginação e necessidades infinitas. Para tanto, necessitam recorrer a créditos. Obviamente, existem muito mais maneiras de se gastar do que de ganhar dinheiro... mesmo frente a esta realidade, o importante é manter o volume de créditos num nível prudente e gerenciável, tanto para o tomador quanto para o prestador. (SCHICKEL, 2000, p. 159)

Segundo o Banco Central, os juros médios cobrados pelos bancos nestas operações – a modalidade mais cara do mercado – ficaram em 449% ao ano, o maior patamar da série histórica, que tem início em março de 2011. A recomendação de economistas é que os clientes bancários paguem toda a sua fatura do cartão no vencimento, não deixando saldo devedor. A

inadimplência destas operações, segundo o BC, somou 36,6% em março - uma das mais altas das modalidades de crédito.

Segundo o G1 na folha economia, Alexandre Martello, os juros médios cobrados pelos bancos nas operações com cheque especial atingiram em março a marca inédita de 300% ao ano – o maior patamar desde o início da série histórica, em julho de 1994, ou seja, em quase 22 anos. Os números foram divulgados nesta quinta-feira (28) de 2016 pelo Banco Central.

Nota – se uma alta taxa de juros cobrada pelas financeiras e com base nesses índices vale ressaltar que ao pagar o mínimo o consumidor entra no juro sobre juro, podendo não conseguir sair da dívida e tornar – se um inadimplente. O uso do dinheiro imaginário “crédito” foi introduzido na população brasileira, mas a forma de planejar e estruturar formas de pagamentos não está presente na rotina dos consumidores. Organizar – se e colocar o dinheiro a seu favor, planejar – se, ter- se um autoconhecimento em finanças e com a ajuda da Consultoria o indivíduo poderá elaborar formas de sair do endividamento e de encontrar mecanismos de rentabilidade futura.

Endividamento Pessoal

O endividamento pessoal não está diretamente ligado à renda do indivíduo, e sim à forma como ele administra as suas receitas e despesas (CERBASI, 2003). Portanto, para Kiyosaki e Lechter (2000), fundamentos financeiros deveriam ser ensinados desde os primeiros anos escolares, uma vez que este será um assunto que acompanhará qualquer indivíduo ao longo da sua vida e será um dos fatores preponderantes para aqueles que pretendem gozar de uma saúde financeira equilibrada e tranquila.

Os pais podem educar seus filhos de maneira prática e significativa, utilizando parte da mesada para ajudar nas despesas domésticas e mercado, podendo mostrar a importância do dinheiro e o valor que ele tem. Economizar na energia, na água fazendo com que a mesada aumente, ensinando bons hábitos na futura geração, para que tenham uma vida financeira sustentável.

Objetivando erradicar o analfabetismo sobre educação financeira no país, o Governo Federal editou o Decreto n.º 7.397, de 22 de dezembro de 2010, onde foi instituída a Estratégia Nacional de Educação Financeira–ENEF com a finalidade de promover a educação financeira

e previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores (BRASIL, 2010).

A Educação Financeira no início da formação do indivíduo será uma aliada para uma geração futura, acarretando positivamente em uma diminuição quanto aos altos índices de endividamento.

Nos países desenvolvidos a educação financeira cabe às famílias. Às escolas cabe a função de reforçar a formação adquirida em casa. No Brasil, a educação financeira não está presente nem no universo familiar nem tampouco nas escolas. Assim, a criança não aprende a lidar com dinheiro nem em casa, nem na escola. As consequências deste fato são determinantes para uma vida de oscilações econômicas, com graves repercussões tanto na vida do cidadão, quanto na do país. (D'AQUINO, 2008).

Instabilidade financeira, falta de informação aliada ao não interesse em buscar um profissional pode gerar um endividamento irreversível. O ponto de partida é a educação em princípios com os pais ensinando pelo conhecimento ou pelo exemplo ou mesmo nas escolas através de teorias e também aplicações práticas.

D'Aquino, (2008), afirma que educação financeira é função dos pais e não da escola. À escola cabe apenas reforçar o que foi aprendido em casa. O autor referênciam uma educação familiar, que vem com o saber dos pais por meio cultural, geração e formação própria.

Os pais ensinam a escola reforça e o indivíduo faz uma releitura e o melhor encaixe para si.

Segundo Franco (2010), o consumidor acaba se tornando endividado mesmo sem ter de fato a noção da sua situação. A falta de planejamento traz para o indivíduo o acúmulo de dívidas acima de seus rendimentos auferidos e contribui para que esse tenha dificuldade de honrar com todos os compromissos financeiros assumidos.

Endividar sem notar, gastar sem dúvidas é cada vez mais fácil e acessível visto que, uma ida ao shopping e pronto, já se tem variadas formas de comprar e pagamentos a perder de vista. Afinal sempre se precisa ou se imagina que precisa de alguma coisa, como trocar de carro ou de casa, roupas, sapatos, viagens e etc. E quando se dá conta, está endividado.

Planejamento dentro da Educação Financeira é a palavra-chave, faz com que o sujeito honre suas contas e coloque o dinheiro para trabalhar a seu favor, com o montante que sobra do seu salário, poupa-se gerando ganhos futuros com aplicações financeiras.

Por faixa de renda apurada pela Confederação Nacional de Comércio de Bens, Serviços e Turismo, para pessoas com renda de até dez salários-mínimos, o percentual de

endividamento passou de 47,6% em dezembro de 2016 para 46,1 em janeiro de 2017. (CNC/PEIC 2010).

O Grau de inadimplentes também recuou. Passou de 23% em dezembro para 22,7% em janeiro.

Com o pagamento do 13º salário no fim do ano passado, partes das famílias quitaram dívidas antes de ir às compras “Entre os fatores que contribuíram para essa redução do endividamento estão a sazonalidade do período, após o recebimento do décimo terceiro salário, que permite a quitação de dívidas, além da redução do crédito, associada a um menor consumo das Famílias” relatou a economista da CNC Marianne Hanson.

Mesmo que o percentual tenha tido um recuo de 6,7% no grau de endividamentos ao decorrer do ano de 2016, esse índice é alto, pois de 18.000 consumidores somente 8.568 não estão endividados os 9.432 encontra-se endividados.

Os inadimplentes 4.140 inadimplentes obtiveram recuo em um índice mínimo de 0,3% 54 pessoas conseguiram ter seus nomes limpos.

Existem várias formas de conseguir quitar suas dívidas; trabalhos extras, comissões por ter aumento de jornada, trabalhos artesanais, poupar e a forma inteligente dos mesmos foi o uso correto do 13º salário aplicado em dívidas feitas e verificando o gasto futuro que possa caber dentro do seu orçamento, evitando danos financeiros futuros.

Educação Financeira

Para melhor assimilar o conceito de educação financeira, é congruente contextualizar o sentido extenso de Educação e de Finanças, termos básicos para respaldar o referido conceito. Segundo Houaiss (2001), educação se refere à ação de desenvolver as faculdades psíquicas, intelectuais e morais: a educação da juventude; resultado desta ação, conhecimento e prática dos hábitos sociais; boas maneiras. A palavra Educação deriva-se do *latim educare*, no sentido formal, é todo o processo contínuo de formação e ensino-aprendizagem que faz parte do currículo dos estabelecimentos de ensino, sejam públicos, sejam privados.

Para o autor educar refere-se a uma sabedoria aplicada com ação e reação, uma vez que inserida ao sujeito ele criará hábitos. A população brasileira vê o dinheiro como algo ruim, sujo e isso é inserido pela cultura e até mesmo pela religião que se passa geração após

geração.

Para Domingos (2014), "a educação financeira nada mais é do que algo que auxilia a administração dos recursos financeiros, por meio de um processo de mudança de hábitos e costumes adquiridos há várias gerações."

Educação é importante, pois somos limitados a ela, educar-se a fazer o correto, por espelho ou por inspiração. Novos hábitos demanda tempo e deve-se enxergar vantagem quanto ao aprendizado. O consultor financeiro, ensina, cria planilhas, faz um estudo e capacita o indivíduo a gerir suas finanças. Certamente, não se trata de algo que possa ser feito repentinamente, pois é preciso entender as vantagens que esse conhecimento pode proporcionar.

Segundo Gallery et al. (2011, p.288), educação financeira é "a capacidade de fazer julgamentos inteligentes e decisões eficazes em relação ao uso e gestão do dinheiro". Para Lelis (2006), a educação financeira é importante, pois abrange informações de como aumentar a renda, reduzir despesas e gerenciar fundos.

Essa educação que se deve buscar é um formato de administração para gerir o seu dinheiro e gerar rentabilidade futura. Buscando agregar conhecimentos, para um bem próprio e familiar uma vez que se entra no grau de endividamento, dívidas não pagáveis essa pessoa não tem descanso físico e nem intelectual para gerenciar sua família e acaba desencadeando conflitos.

Orlickas (1999) define Consultoria como o fornecimento de certa prestação de serviço, por um profissional em geral qualificado, provido de remuneração por hora ou projeto, para um determinado cliente.

O autor define consultoria sendo ele um prestador de serviço autônomo, e trabalha mediante acordo contratual, explicitado por cláusulas o valor cobrado por honorários ou mesmo acordo como trabalho específico, elaborando medidas que ajuda a sair da dívida e encontrar caminhos para o equilíbrio das finanças. A consultoria é a profissão que objetiva a diagnosticar o problema, definir metas, elaborar planilhas, preparar sugestões e a partir desses métodos definir com o cliente o qual melhor encaixa dentro da sua realidade financeira.

Orlickas (1999) define o Consultor Autônomo como um profissional qualificado que atua em determinado projeto, desvinculado de uma estrutura organizacional, de forma independente. Necessita de um registro na prefeitura da cidade onde trabalha e, normalmente, tem um escritório *home-office*, ou seja, trabalha em sua residência. É contratado pela empresa-cliente mediante contrato de trabalho por tempo determinado e não possui qualquer

vínculo com a organização.

O profissional é um prestador de serviço, cadastrado na prefeitura e atua como prestador de serviço. Consultoria que é feita por meio de contrato, entre contratante e contratado.

A atividade de consultoria remete a algumas questões limitantes como a dificuldade, no período inicial da carreira, de rejeitar propostas de trabalho ou de adquirir clientes potenciais. A incerteza dos ganhos e sujeição às flutuações da conjuntura econômica resulta em certo sentimento de isolamento social, de ausência de pessoas auxiliares, e preocupação e tendência ao estresse pela vivência dos problemas de uma, ou de várias organizações simultaneamente (Case, 1997).

O início de qualquer carreira no princípio tem-se um certo grau de dificuldade para inserir no mercado de trabalho. E a consultoria não é tão diferente, mas a dificuldade se torna maior diante dos que tem problemas financeiros e não procuram ajuda. O profissional tem que tomar muito cuidado para não pegar o problema de seu cliente e não transformar em um problema seu. Porque ele é o principal responsável pelo planejamento das finanças, analisando fontes de renda, despesas, montando planos para reduzir despesas. O consultor não atente só emergências, ele tende a ser educador e um aconselhador quando o cliente quer investir e estudando cada cliente e elaborando sugestões a partir de cada grau de endividamento, perfil e renda.

De acordo com Bitencourt (2004) a ciência finanças estuda a forma de como as pessoas, individualmente ou agrupadas, alocam seus recursos ao longo do tempo. As finanças podem ser definidas como a arte e a ciência de gerenciamento de fundos. Virtualmente, todos os indivíduos e organizações ganham ou captam e gastam ou investem dinheiro.

Finanças por estudo é conceituado como um ciclo em moeda corrente e que cada ser gerencia de uma forma diferente do outro, forma correta ou errada, para o autor correto é o ato da conciliação da receita, despesa e investimento. Para os endividados e inadimplentes eles usam os meios de crédito como se não houvesse o amanhã e o amanhã chega, e quando chega ele por si não consegue administrar seus rendimentos, daí surge à necessidade de um profissional, pois é por meio desse, que se consegue gerir e planejar uma saída.

As finanças lidam com o processo, as instituições, os mercados e os instrumentos envolvidos na transferência de dinheiro entre indivíduos, negócios e governos. (GITMAN, 2001).

Finanças é algo fantástico, por meio dela que sonhamos, planejamos e executamos.

Por ciclo o dinheiro chega, ele sai e tem se guardar para investimento com projeção de rentabilidade. Com uma boa gestão existe uma boa saúde, física e mental, um profissional voltado à empresa contratante, um ambiente familiar sem stress.

3. METODOLOGIA

A metodologia abordada neste trabalho foi a pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica descritiva.

Segundo Bruyne (1991), a metodologia é a lógica dos procedimentos científicos em sua gênese e em seu desenvolvimento, não se reduz, portanto, a uma “metrologia” ou tecnologia da medida dos fatos científicos.

A metodologia deve ajudar a explicar não apenas os produtos da investigação científica, mas principalmente seu próprio processo, pois suas exigências não são de submissão estrita a procedimentos rígidos, mas antes da fecundidade na produção dos resultados. (BRUYNE, 1991 p. 29)

Segundo Strauss & Corbin (1998), o método de pesquisa é um conjunto de procedimentos e técnicas utilizados para se coletar e analisar os dados. O método fornece os meios para se alcançar o objetivo proposto, ou seja, são as “ferramentas” das quais fazemos uso na pesquisa, a fim de responder nossa questão.

Minayo (2007, p. 44) define metodologia de forma abrangente e concomitante:

(...) a) como a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico e resposta às indagações específicas.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Quadro resumo – Principais indicadores

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
PEIC (Percentual do total) – Média anual							
Famílias endividadadas	59,1%	62,2%	58,3%	62,5%	61,9%	61,1%	58,7%
Famílias com conta em atraso	25,0%	22,9%	21,4%	21,2%	19,4%	20,9%	23,6%
Famílias sem condições de pagar as dívidas em atraso	8,8%	8,0%	7,1%	6,9%	6,3%	7,7%	8,9%
PEIC em número absolutos – Média anual							
Famílias endividadadas	8.642.616	9.090.478	8.470.610	9.109.768	9.041.244	8.921.747	9.236.862
Famílias com conta em atraso	3.766.928	3.398.160	3.039.488	3.043.350	2.836.560	3.075.872	3.642.325
Famílias sem condições de pagar as dívidas em atraso	1.288.364	1.152.317	1.015.280	998.661	899.870	1.109.012	1.389.001

Fonte: Peic/CNC.

Famílias endividadadas de 2010 a 2016 mantiveram - se em uma média de 60% que de 18.000 consumidores e numericamente se encontram em 10.800 o número pessoas, ainda alto por ser um período de sete anos, a educação financeira é um tabu, não se fala muito no assunto e nem se toma medidas educativas quanto a isso, pelo contrário a mídia só faz marketing voltado a compras.

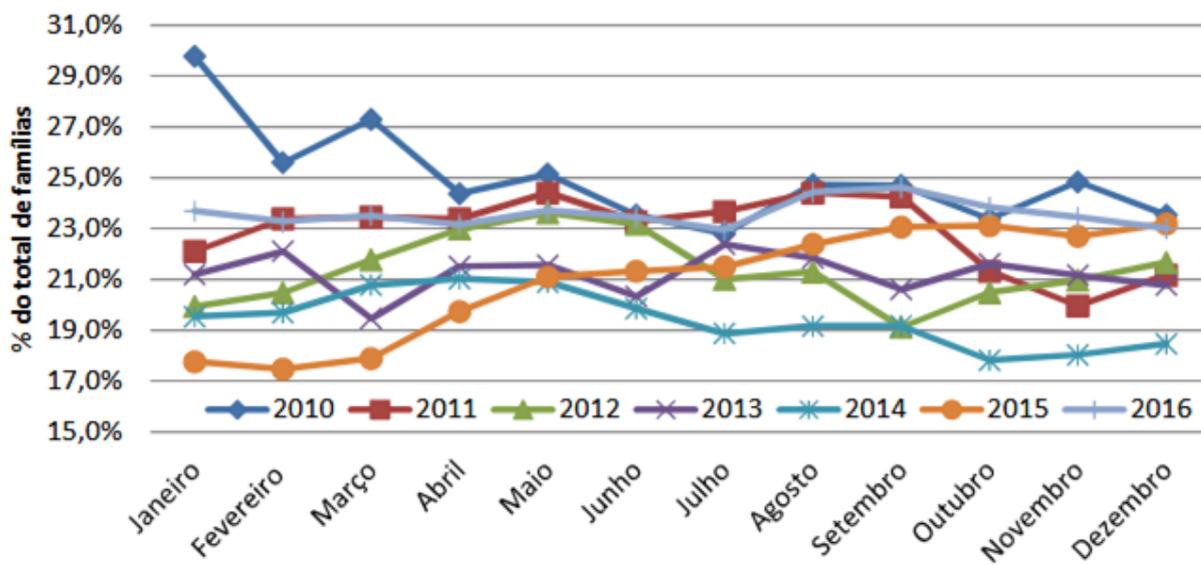
As contas em atraso não atingem uma média alta 22.05%, mas permanece por um grande período e representa 3.969 do total de consumidores abordados nesta pesquisa.

Os que não conseguem e nem tem condições de pagar as dívidas representa 7.6% e relata 1.368, que não é um número alto.

Dentro desta análise o surpreendente é que além dos altos índices, existe uma média que não diminui, ela mantém. Isso poderia ser inflação, altas taxas de juros, falta de emprego, período e mudança de governo. Mas Para Domingos (2014), "a educação financeira nada mais é do que algo que auxilia a administração dos recursos financeiros, por meio de um processo de mudança de hábitos e costumes adquiridos há várias gerações." Isso acontece por uma inexistência de educação financeira que perdura por tempos, esse tema ele tem que ser trago aos pais, a mídia e as escolas, pois só assim poderá obter bons resultados.

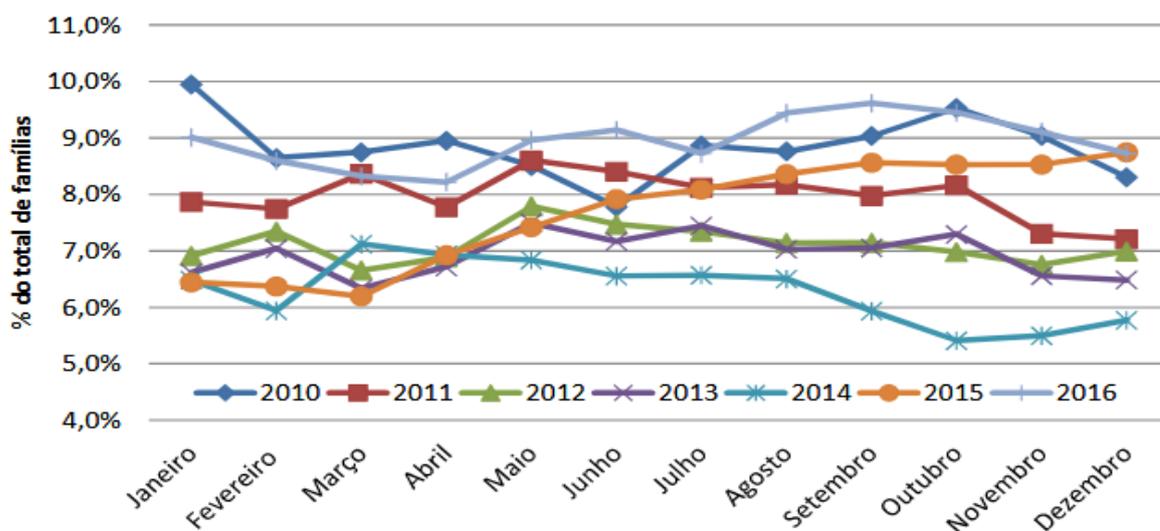
Uma vez que esse resultado não sai da média, observa-se que não se teve uma melhoria quanto à vida financeira dos consumidores, pois a procura por um profissional pode ser um avanço para uma diminuição quanto ao grau de endividamento, uma educação financeira guiada pelos pais e reforçada nas escolas mudaria drasticamente esses resultados para melhor e equipararia o Brasil a países de primeiro mundo.

Contas em atraso



Fonte: Peic/CNC

Não terão condições de pagar



Fonte: Peic/CNC.

Uma educação financeira, leva aos consumidores e os empresários uma relação que perdurará, pois, um consumidor com sua vida financeira estabilizada, as compras seriam feitas em maior volume e restaria dinheiro para investir, com os resultados dos investimentos iriam para compras e teríamos uma economia equilibrada.

Nota-se que no mês de janeiro nos anos 2010 a 2016 esse período tem-se uma diminuição no percentual, tudo indica que seja por se ter 1/3 das férias e 13º salário, acaba ocasionado o pagamento das dívidas. Observa-se que uma segunda renda pode diminuir os índices em um grau significativo, assim, como ter uma renda extra, um segundo emprego, a procura de um consultor e se aprimorar em finanças pessoais pode baixar os índices de contas em atraso.

Segundo a (PEIC) pesquisa o endividamento e inadimplência do consumidor O percentual de famílias que declararam não ter condições de pagar suas contas ou dívidas em atraso e, portanto, permaneceriam inadimplentes, aumentou 25,2% na média de 2016, ante o ano anterior, considerando a variação sobre o número absoluto. Ao final de 2016, essa taxa alcançou 8,7% das famílias, a maior taxa para um mês de dezembro da série histórica. O percentual de famílias sem condições de pagar seus débitos e que, portanto, permaneceriam inadimplentes, situou-se em patamar superior ao observado no mesmo período de 2015 durante todo o ano.

Tipo de Dívida	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Cartão de crédito	70,9%	72,7%	73,6%	75,2%	75,3%	76,1%	77,1%
Cheque especial	8,3%	6,8%	6,2%	6,2%	5,6%	6,2%	7,2%
Cheque pré-datado	4,0%	3,0%	2,7%	2,2%	1,8%	1,7%	1,7%
Crédito consignado	3,9%	3,9%	4,0%	5,2%	4,7%	4,6%	5,4%
Crédito pessoal	11,3%	10,8%	11,3%	10,5%	9,5%	9,0%	10,3%
Carnês	25,0%	22,0%	19,8%	18,7%	17,0%	16,9%	15,4%
Financiamento de carro	10,3%	10,0%	11,5%	12,2%	13,8%	13,7%	11,2%
Financiamento de casa	3,2%	3,5%	4,5%	6,1%	7,8%	8,3%	7,9%
Outras dívidas	2,5%	3,1%	2,2%	2,5%	2,3%	2,2%	2,4%
Não sabe	0,2%	0,2%	0,3%	0,2%	0,2%	0,1%	0,1%
Não respondeu	0,3%	0,5%	0,3%	0,3%	0,3%	0,1%	0,1%

Fonte: Peic/CNC.

O cartão de crédito foi o tipo de dívida mais citado pelas famílias brasileiras em 2016, por 77,1% daquelas que disseram ter dívidas, na média anual. Em segundo lugar, foi o cheque especial, por 7,2% das famílias, e, em terceiro, o Cheque pré-datado, por 1,7%. O perfil de endividamento das famílias apresentou pouca alteração em relação ao ano anterior.

Destaca-se um aumento significativo aumento da dívida em cartão que em 2010 era 70,9% e sutilmente foi crescendo e em 2016 atingiu 77,1%, uma margem de 6,2% em de 2010 a 2017.

O Cheque-especial por sua vez diminui em um grau não relevante, de 1,1% de 2010 a 2016, mas pode-se comemorar, em um grau menor mas teve sim sua significância.

É apreciável notar o quanto o cheque pré-datado teve uma expressiva redução em 2010 era 4,0% e em 2016 foi para 1,7%, reduziu-se 2.3% de 2010 para 2016 essa redução é marcada pelo alto uso do cartão, em meio a esses marcos, os bancos comemoram tem-se uma diminuição de custos com papeis por emissão de cheques e os empresários mesmo que paguem 6% pelo o uso da máquina eletrônica a inadimplência não acontece ao empresário, ficando para financiadora o prejuízo da conta não paga ou em atraso.

Essas formas de se ter um crédito que ultrapassa o salário, o consumidor deve elaborar mecanismos para que não ocorra a inadimplência e altas taxas de juros.

5. SUGESTÃO

O Governo Federal editou o Decreto n.º7.397, de 22 de dezembro de 2010. Objetivando erradicar o analfabetismo sobre educação financeira no país (BRASIL, 2010). Uma simples análise feita no ano que surgiu a lei em 2010 até 2016 percebe – se uma falta de educação financeira no País. O grau de inadimplência feita por amostragem nas capitais e no DF com 18.000 consumidores com renda de 10 salários mínimos, mostra uma estagnação por parte de 60% desses consumidores na situação de inadimplência.

O grau de endividamento dos brasileiros e inadimplência que mantêm – se na média nos últimos sete anos não demonstram uma perspectiva de redução, situação que compromete não só saúde financeira da população como a saúde como um todo dos brasileiros nessa situação.

O estudo realizado evidencia que um dos principais fatores para o endividamento acelerado dos brasileiros é a alta oferta de crédito aliada à má formação financeira dos brasileiros que em grande maioria se mostram despreparados para lidarem com o crédito por não terem conhecimento sobre a taxa de juros mensal cobrada o que não os permite avaliar o risco financeiro existente em não quitar suas faturas.

Perante as análises, uma boa consultoria realizada com esses consumidores resultaria em uma diminuição quanto ao grau de endividados e aliada com a educação financeira, teria uma baixa nos índices e manteria a baixa ao passar dos anos.

Diante de tal problema a leitura funciona como uma ferramenta de educação financeira muito útil quando se tem bons livros do tipo, Pais ricos e filhos pobres, Pais pobres e filhos ricos, Família, Afeto e finanças, Pais inteligentes enriquecem seus filhos, Berço de ouro e Os segredos da mente milionária a leitura é vista como o meio mais próximo da saúde financeira, perante uma boa interpretação e internalização a aplicação feita trará bons resultados.

A educação em princípios pode ser repassada através de jogos como o banco imobiliário, onde o indivíduo começa com um dinheiro, e ao decorrer do jogo ele compra, vende e empresta, o jogador que não consegue gerir seu dinheiro vai saindo e o último jogador, ou seja, o que tem maior valor em dinheiro e bens é o vencedor. Esse meio educativo é um meio de despertar o gerenciamento do seu dinheiro.

O trabalho foi baseado em uma pesquisa que acompanhou o perfil de consumidores entre os anos de 2010 a 2016 demonstrando que dos 18.000 consumidores pesquisados 10.800 encontravam – se em situação de endividamento (CNC/PEIC 2010). Durante o período de sete anos de análise constatou que apenas 54 pessoas conseguiram sair da situação de inadimplência enquanto o restante não apresentou nenhum tipo de mudança nos índices de endividamento.

É possível que a não procura por uma Consultoria esteja diretamente ligada à manutenção desses altos índices de endividamento, uma vez que o profissional é o único que possui os conhecimentos e os meios necessários para observar, analisar, detectar e orientar possíveis maneiras para solucionar o problema. A partir daí caberá ao indivíduo colocar em prática as sugestões tornando – se o gestor da sua vida financeira, ou ainda optar por ter sempre um acompanhamento de um consultor para gerir suas finanças.

6. REFERÊNCIAS

AGLIETTA, Michel. **Microeconomia financeira: 2. Crises financeiras e regulação monetária**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

BITENCOURT, CLEUSA MARLI GOLLO. **Finanças pessoais versus finanças empresariais**. 2004. 85 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de Pós-Graduação em Economia, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BRASIL. **Decreto n.º 7.397, de 22 de dezembro de 2010**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7397.htm> Acesso em 17 de outubro de 2017.

BRUYNE, P. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais: os pólos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

CASE, T. A.; BOTELHO, J. M. **Gerenciamento da carreira do executivo brasileiro: uma ciência exata**. São Paulo: Catho On-line, 2001.

CERBASI, Gustavo. **Dinheiro: os segredos de quem têm**. São Paulo. Editora Gente, 2003.

D'AQUINO, Cássia de. **Educação financeira**. Como educar seus filhos .Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DOMINGOS, Reinaldo. **Educação financeira e finanças pessoais: qual a diferença?** Disponível em <<http://www.dsop.com.br/blog/educacao-financeira-e-financas-pessoais-qual-a-diferenca>> Acesso em: 22 agosto. 2017.

FRANCO, Marielza Brandão. **O superendividamento do consumidor: fenômeno social que merece regulamentação legal**. Revista de Direito do Consumidor, v. 74, p. 227-242, 2010.

GALLERY, N.; GALLERY, G.; BROWN, K.; PALM, C. **Financial literacy and pension investment decisions**. Financial Accountability & Management. EUA, v. 27, n. 3, p. 286-307, 2011.

GITMAN, LAWRENCE J. **Princípios de Administração Financeira: Essencial**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

GOVERNO DO BRASIL. **Endividamento das famílias cai ao menor nível em quase sete anos**. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2017/02/endividamento-das-familias-cai-ao-menor-nivel-em-quase-sete-anos-1> > Acesso em 02/10/2017.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KIYOSAKI, Robert T.; LECHTER Sharon L. **Pai Rico, Pai Pobre**. Tradução: Maria Monteiro. 46. Ed. Editora Elsevier, 2000, p. 187

LELIS, M. G. **Educação financeira e empreendedorismo**. Centro de Produções Técnicas, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

ORLICKAS, E. **Consultoria interna de recursos humanos: conceitos, cases e estratégias**. 4 ed. São Paulo: Makron Books, 1999

PEIC. **O perfil do endividamento das famílias brasileiras em 2016**. Disponível em: < http://fecomercio-es.com.br/assetmanager/assets/master/PEIC-ES_Anuar2016_CNC.pdf > Acesso em: 15/10/2017.

SCHRICKEL, Wolfgang Kurt. **Análise de Crédito: Concessão e Gerência de Empréstimos**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2000.